

Autonomia e Flexibilidade Curricular: Porquê e para quê?



Vivemos numa fase da nossa existência humana onde a velocidade, no seu mais amplo sentido, é esmagadora! E esta velocidade traz, entre outros, desafios imensos à nossa sociedade, onde a Escola reitera um papel central criando paradoxos para os quais urge recentrar a investigação e a ação de todas as equipas pedagógicas. Assim vejamos, sendo este o período da nossa história em que assistimos à mais veloz, e simultaneamente líquida, produção de informação, é também muito evidente que as Escolas perderam grande parte da sua inquestionável utilidade, face à nossa sociedade, enquanto estruturas pensantes, desinvestindo na criação de conhecimento e apostando na sua reprodução! Observemos, por exemplo, a forma como medimos a eficiência e a eficácia das nossas Escolas, em que sobrevalorizamos o peso da memorização/replicação *versus* o peso dos impactos que cada escola produz nos projetos de vida de cada um dos seus alunos (falamos das competências transversais que respondem a uma integração do indivíduo na sociedade e à sua capacidade para criar valor para si e naturalmente para a sociedade).

Seria portanto natural que, hoje, as Escolas do século XXI vivessem numa fase onde a criação de valor e a produção de conhecimento (não a sua atomização e memorização) fossem o coração de toda a sua atividade, recentrando a sua missão no perfil de pessoa que queremos e, através de nós, que sociedade queremos, e vamos, construir e como o podemos fazer. É isto que estamos realmente a fazer?

É neste contexto, de evolução de paradigma, que, na nossa Escola, o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC) se reveste de uma especial importância, destacando três dimensões nucleares: fortalece o foco no aluno, como o principal agente da aprendizagem; legitima o desenho da reconstrução curricular a partir do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*; inspira-nos enquanto Escola, através do modelo cooperativo de dinamização, que envolve, de forma inédita, todas as estruturas do Ministério da Educação, neste processo de redescoberta que tende a criar ambientes para uma aprendizagem significativa.

Revisitando o processo de mudança iniciado na nossa Escola há mais de cinco anos letivos, com especial intensidade nos últimos dois, procuramos criar sentido e resposta aos seguintes desafios:

Temos uma Escola que faz aprender, para além de ensinar, e onde o aluno é construtor do seu projeto de vida? Temos uma Escola como centro de investigação e desenvolvimento na ação, promotora de uma comunidade aprendente global? Somos uma Escola onde as competências digitais são transversais e onde o aluno é utilizador/produtor de tecnologia? Imprimimos uma intencionalidade em todos os processos de aprendizagem?

São estes os desígnios da nova Escola que estamos, dia a dia, a edificar.

Numa leitura superficial parece que estes desafios são simples, pois afinal não existe nada de novo, pelo menos do ponto de vista conceptual. Todavia, existe uma diferença significativa na sua operacionalização! Tudo é pensado a partir do essencial:

- Que perfil de cidadão queremos desenvolver (cidadão e futuro profissional de uma determinada área)?
- E para a construção desse perfil, que situações de aprendizagem temos de promover?
- E nessas situações de aprendizagem estamos a incorporar os sonhos que estão plasmados nos projetos de vida de cada um dos nossos alunos?
- E para que essas aprendizagens se tornem significativas como é que organizamos o tempo e os espaços pedagógicos?
- Temos as ferramentas e um sistema de avaliação efetivamente formativa e formadora?
- As evidências do processo de aprendizagem são os resultados de aprendizagem de cada aluno?
- As competências transversais que a sociedade contemporânea nos exige estão incorporadas, de forma transversal, nas situações de aprendizagem?
- As empresas são apenas recetoras dos nossos alunos (para a Formação em Contexto de Trabalho) ou, efetivamente, participam na construção do aluno, quer como cidadão, quer como futuro profissional?

É por tudo isto que estamos perante uma equação complexa. Muitas vezes pensamos: “nós já fazemos assim”. E é verdade, mas quase sempre é de forma pontual e isolada. De forma intencional, articulada e permanente já o estamos a fazer?

Nesta nova gramática da reconstrução curricular temos o currículo ditador a assumir o papel de instrumento, para se atingir um perfil, e não como um fim em si mesmo. Possivelmente este sempre foi o seu desiderato mas, em bom rigor, foi, e ainda é, o principal e muitas vezes único norteador do nosso sistema educativo.

Nesta viagem que iniciamos e que partilhamos/co-construímos no âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, da reflexão para a ação já conseguimos: **Planear** o currículo, exclusivamente, a partir do perfil de aluno que queremos para viver no século XXI e do projeto de vida de cada um dos nossos jovens; **Desenhar** situações de aprendizagem flexíveis utilizando novos tempos, formas e espaços, procurando criar aprendizagens significativas; **Desenvolver** e utilizar, de forma estruturada, as competências digitais como suporte ao processo de aprendizagem; **Envolver**, a um nível mais profundo, parceiros estratégicos na operacionalização da nossa modalidade de educação e formação, o Ensino Profissional, nomeadamente as empresas; **Implementar um sistema de avaliação** estruturado e tendente a medir os impactos produzidos face aos esperados.

Outros, e grandes, desafios se avizinham, nomeadamente no aprofundamento de um sistema de avaliação dos impactos gerados no desenvolvimento e mobilização das competências transversais em cada um dos jovens durante e após o percurso de aprendizagem, a ausência de instrumentos à entrada do ensino secundário, que permitam posicionar os alunos ao nível das competências transversais, a definição de descritores que posicionem os alunos face ao nível de complexidade esperado em cada nível de ensino, as aprendizagens essenciais por níveis de ensino e modalidades de ensino.

Continuaremos assim, focados e empenhados, nesta fantástica viagem de evolução da nossa Escola, na construção de uma Escola com sentido, onde queremos que os nossos alunos aprendam e percebem o porquê das coisas e onde as equipas pedagógicas, sobretudo, são um agente facilitador do desenvolvimento

de ferramentas para um mundo incerto, desconhecido, desafiante e, certamente, cheio de novas oportunidades para todos, e para cada um, na construção de um novo contrato social!

Convidamos todos a conhecer melhor o nosso projeto educativo, através do nosso vídeo institucional, no seguinte *link*:

https://youtu.be/DbLT_R2wERA

Alexandre Oliveira, Diana Santos e Guilherme Rocha
Conselho Diretivo da Escola Técnica Profissional da Moita